

AS COMUNIDADES NEOCALCOLÍTICAS DE TRÁS-OS-MONTES: PENSAR A SUA TRADIÇÃO CERÂMICA NUMA PERSPECTIVA DE PERENIDADE

*THE NEOLITHIC AND CALCOLITHIC COMMUNITIES OF
TRÁS-OS-MONTES: THINKING THEIR POTTERY TRADITION
IN A PERSPECTIVE OF PERENNITY*

Elsa Luís e Telma Susana O. Ribeiro

RESUMO

As comunidades neocalcolíticas de Trás-os-Montes Oriental deixaram-nos evidências de uma longa continuidade da sua cultura material, na qual a reprodução repetida de motivos decorativos nos recipientes cerâmicos ao longo do IV e III milénios a.C. nos leva a equacionar os mecanismos mentais que condicionam a sua produção artesanal. Mais que uma simples manifestação artística ou preocupação estética, estas decorações fazem parte de um estilo próprio, construído através de uma repetição de gestos condicionada, que, entre outras possibilidades, poderá traduzir um posicionamento destas comunidades perante o passar do tempo, distinguindo-se o longo do curto, cada um com investimentos diferentes e pautado por continuidades ou mudanças.

Procuramos, assim, perceber se esta sua cultura material é, portanto, um marcador de dinâmicas de perenidade e continuidade, tal como está inerente ao próprio conceito de megalitismo como construções que são feitas para durar por muito tempo na paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Neocalcolítico; Cultura Material; Decoração Cerâmica; Trás-os-Montes

ABSTRACT

The Neolithic and Calcolithic communities of Eastern Trás-os-Montes region have left us evidence of a long continuity of their material culture, in which, the repeated reproduction of decorative motifs in the ceramic vessels throughout the IV and III millennia BC leads us to equate the mental mechanisms that condition said production. More than a mere artistic manifestation or aesthetic concern, these decorations are part of a style of their own, built through the repetition of conditioned gestures, which, among other possibilities, can infer a positioning of these communities towards the passage of time, distinguishing between long and short conceptions of time, each with different investments and based on continuities or changes.

We aim thus, to question if this material culture is, therefore, a marker of perennial dynamics and continuity, akin to the very concept of megalithism as constructions that are made to last perpetually in the landscape.

KEY WORDS: Neolithic; Chalcolithic; Material Culture; Pottery Decoration; Trás-os-Montes

1. INTRODUÇÃO

Tomando como pretexto a aparente homogeneidade e padronização dos recipientes cerâmicos das comunidades neolíticas/calcolíticas de Trás-os-Montes Oriental, equacionamos um problema aparentemente simples na sua construção mas que enuncia uma enorme complexidade que dificilmente conseguiremos explorar na sua plenitude, as concepções que estarão subjacentes a esta padronização da cultura material. Assumimos que determinado comportamento material das sociedades camponesas neocalcolíticas é recorrente na cronologia e que essa própria recorrência é significativa quanto às estruturas sociais e mentais que lhes subjazem. Cumpre-nos, assim, discutir, problematizar, ainda que de forma superficial, as possíveis razões subjacentes a esse comportamento repetido.

2. A PRODUÇÃO CERÂMICA DAS SOCIEDADES NEOCALCOLÍTICAS DE TRÁS-OS-MONTES ORIENTAL

Trás-os-Montes Oriental é considerada uma região geográfica com limites claros, situada entre a cadeia montanhosa das serras da Brunheira, Padrela, Falperra a Oeste (Lemos, 1993, p. 98), a fronteira com Espanha a Norte e Este e o rio Douro a Sul, correspondendo, genericamente, ao distrito de Bragança e à parte Leste do distrito de Vila Real. No que respeita às suas sociedades camponesas do IV e III milénios a.C., o estado actual dos conhecimentos ainda se encontra longe do desejável e do que já está disponível para outras áreas regionais, faltando, nesta região, uma concentração da investigação na recolha de dados, sobretudo através da escavação arqueológica de sítios já identificados e o desenvolvimento de projectos de investigação. Seria igualmente fundamental conduzir novas escavações que permitissem obter uma estratigrafia mais fina e, consequentemente, uma melhor caracterização da evolução diacrónica dos materiais e estruturas, idealmente pautadas com uma bateria de datações radiométricas. São vários os sítios identificados com ocupações desta cronologia, relativamente fáceis de identificar em contexto de prospecção pela homogeneidade da sua produção cerâmica, ainda que, quanto a estruturas, sejam muito pouco visíveis na paisagem.

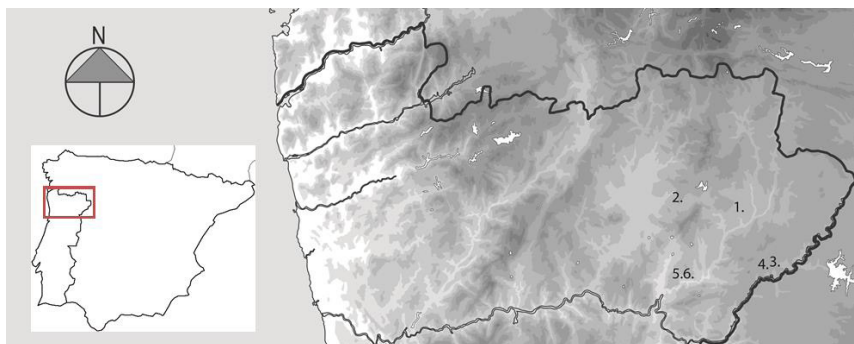


Figura 1 – Mapa de localização dos sítios arqueológicos: 1. Xaibes; 2. Alto da Madora; 3. Cunho; 4. Barrocal Alto; 5. Quinta do Rio 16; 6. Monte da Poia [base cartográfica de Rui Boaventura, adaptado]

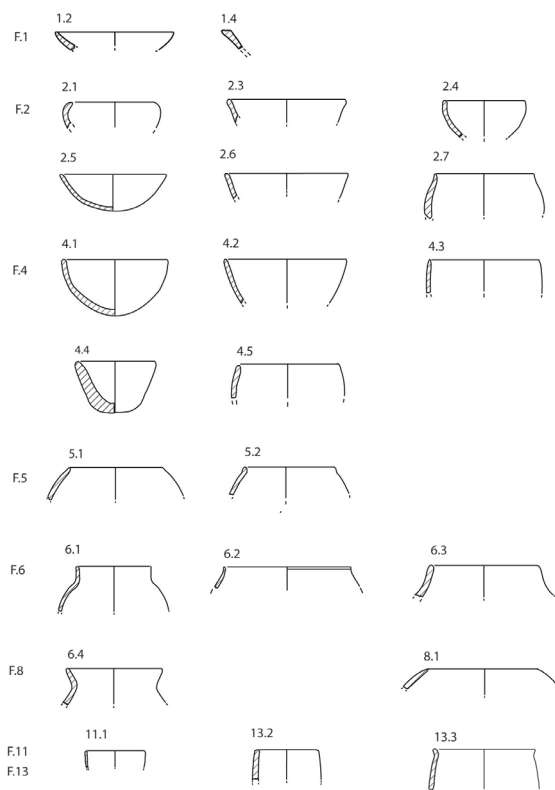


Figura 2 – Tabela de formas neocalcolíticas (segundo Luís, 2016)

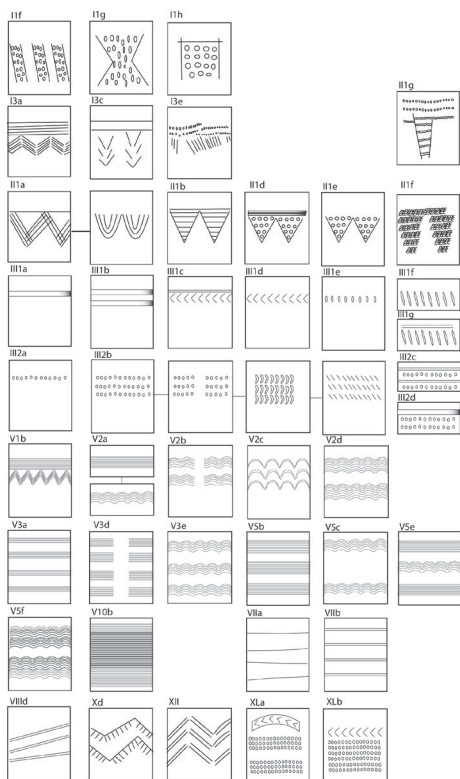


Figura 3 – Tabela de organizações decorativas (segundo Luís, 2016)

Os conjuntos cerâmicos aqui considerados provêm, na totalidade, de sítios interpretados como sendo de habitação, concentrando-se nos actuais concelhos de Mogadouro, Torre de Moncorvo e Macedo de Cavaleiros, coincidindo com os territórios que foram alvo de mais intervenções e projectos de investigação. Muitos dos sítios sofreram intervenção sob a forma de sondagem ou várias sondagens, dificultando o cruzamento de informação dentro do mesmo sítio ou a compreensão da estrutura interna dos povoados. Consideramos aqui os conjuntos cerâmicos provenientes de Xaires, em Talhas, Macedo de Cavaleiros (Carvalho, Ventura e Pinheiro 2009; 2010; 2011; Luís, 2016); Alto da Madorra, em Vale Benfeito, Macedo de Cavaleiros (Carvalho et ali, 1997; Luís, 2016); Cunha (Sanches e Marcos, 1985; Sanches, 1992; Luís, 2016) e Barrocal Alto (Sanches, 1992; Luís, 2016), ambos em Peredo da Bemposta, Mogadouro; Quinta do Rio 16 (Gaspar et al., 2014; Luís, 2016) e Monte da Poia (Martins, 2009; Luís, 2016), ambos em Cardanha, Torre de Moncorvo.

Na generalidade, trata-se de sítios com posição de destaque na paisagem, com domínio visual e controlo territorial das áreas envolventes, nomeadamente sítios

em topos de cabeço e aproveitando, em muitos casos, os afloramentos rochosos para apoio de estruturas ou protecção do povoado relativamente a ventos. Em nenhum dos sítios intervencionados e aqui considerados, se identificaram vestígios de estruturas de carácter defensivo. As estruturas habitacionais identificadas são sempre arquitecturalmente simples, recorrendo a uma maioria de materiais perecíveis e o recurso à pedra faz-se apenas para estruturas de pequena dimensão como lareiras, buracos de poste, alinhamentos e empedrados, por vezes recorrendo ao complemento de fragmentos cerâmicos e argila para os preenchimentos. Em vários sítios detectou-se a presença, em quantidades diferentes, de barro de revestimento indicando que as paredes das estruturas habitacionais seriam revestidas a argila. Não parece existir um grande investimento construtivo para estabilidade e durabilidade, sendo necessária uma renovação periódica das estruturas.

A análise particular e comparativa dos conjuntos cerâmicos destes sítios arqueológicos permitiu verificar que existe uma tendência para a homogeneidade da produção, dos aspectos formais e das estratégias decorativas dos recipientes cerâmicos, com variações de menor significado estatístico (Luís, 2016). Entendemos assim que estamos perante uma produção cerâmica organizada, com a reprodução de traços e elementos estruturantes que se repetem nos vários contextos considerados. Apesar das dificuldades de reconstituição das formas e das organizações decorativas, devido ao quase sempre elevado grau de fragmentação dos recipientes, verifica-se que se trata, na esmagadora maioria dos casos, de recipientes de bases convexas, raramente englobando elementos de prensão, com bordos quase sempre direitos ou exvertidos, cujas formas predominantes são, por ordem de importância, as taças, os globulares e os esféricos.

As decorações encontram-se bem representadas nos conjuntos (aproximadamente 20% das formas reconstituíveis), situando-se na esmagadora maioria dos casos no lado exterior do recipiente e, quando é possível aferir, na sua parte superior, onde seria mais visível. Dentro das técnicas decorativas, sobressai a impressão simples, seguida da incisão simples, depois a combinação da impressão com incisão, o boquique e a incisão penteada. Nos motivos decorativos, em quase todos os contextos domina a organização decorativa III, as sequências horizontais de impressões, com excepção do sector B do Alto da Madorra e o Monte da Poia, em que predomina a organização V. A segunda organização melhor representada é a II, os triângulos preenchidos, na generalidade dos sítios. Nos contextos onde os motivos a incisão penteada (organização V) estão identificados, esta tende a ser a segunda opção atrás da organização III, em detrimento da II. Por outro lado, as organizações menos representadas são as

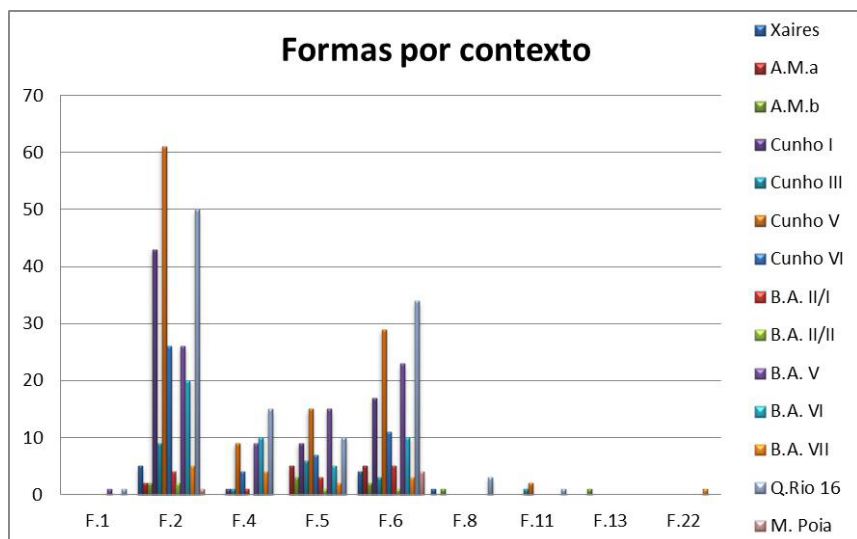


Figura 4 – Gráfico de representatividade das formas por contexto (segundo Luís, 2016)

restantes, dentro das quais a I (organização metopada); a VII (linhas incisas horizontais paralelas); a X (banda em ziguezague); a XII (linhas incisas largas em ziguezague) e a XL (banda de impressões circulares associada a espiga incisa). A ocupação destes sítios terá ocorrido, de uma forma geral, entre os finais do IV e meados/finais do III milénio a.C., podendo, em alguns contextos particulares, ter-se estendido aos finais do III milénio a.C. ou inícios do II milénio a.C., subsistindo a dificuldade de uma cronologia mais fina e de situar as diversas ocupações numa diacronia. As datações disponíveis são muito escassas e mesmo a comparação dos conjuntos com outros provenientes de sítios arqueológicos de outras áreas regionais com maior quantidade de dados, não permitiram avançar substancialmente num esboço de comportamento diacrónico da produção cerâmica. Algumas inferências importantes foram feitas para os contextos com predomínio da organização decorativa V, associada à técnica da incisão penteada, verificando-se que será a partir de meados do III milénio a.C. que se tornará progressivamente na organização decorativa predominante (Luís, 2016, p. 202-203), ou seja, estamos perante uma modificação na decoração dos recipientes introduzida já numa época mais avançada de uma tradição oleira genericamente designada de neocalcolítica.

Ora, esta dificuldade de definição diacrónica decorre, essencialmente, de um

problema de amostra arqueológica, mas deverá também relacionar-se com uma grande perduração no tempo dos mesmos modelos de produção cerâmica com a repetição constante das mesmas formas e das mesmas organizações decorativas, ainda que com pequenas variações estatísticas.

3. INFERÊNCIAS SOCIAIS A PARTIR DE UMA MODA OLEIRA

A produção cerâmica das sociedades transmontanas do IV-III milénios a.C., apesar do muito que nos falta ainda conhecer e compreender, aparenta demonstrar uma manutenção no tempo e no espaço de formas concretas de *saber fazer* e uma reprodução constante de elementos considerados estruturantes (pelo menos por nós). Não parece, neste sentido, existir uma liberdade criativa, ainda que este seja um conceito provavelmente demasiado contemporâneo para a produção artesanal, concretamente neste âmbito para a produção oleira. E a questão que se impõe vem exactamente nesta sequência: quais são as razões que subjazem a esta reprodução artesanal (e cultural?) controlada que aparentemente não deixa espaço e liberdade para a criação particular ou individual.

A produção artesanal nestas sociedades pré-históricas, como vimos nos casos acima referidos, e como é já substancialmente conhecido (Lemonnier, 2002; Shanks e Tilley, 1987; Lima, 2011; Sanches, 1997; Plog, 1980; Dietler e Herbich, 1998), está embutida de formas de fazer específicas, de escolhas que as comunidades tomaram nos modos de produção, que consideram eficazes, e que assumem como suas e como expressão de si mesmas e das suas estruturas mentais e culturais, ou seja, têm um estilo próprio que é ensinado e repetido ao longo de um tempo variável. A standardização da cultura material ou o seu estilo “*provides a coherence consistency to the fabric of everyday existence that promotes social living*” (Sackett, 1977, p. 372), e é também parte activa de uma identidade de grupo, e porque presente e observável, garante o sentimento de pertença (ou, por oposição, de diferença) a um grupo e a um conjunto de normas e prerrogativas sociais que enquadram a vida do indivíduo e, igualmente, a sobrevivência identitária do grupo. Portanto, a cultura material “*is in no sense to be regarded as a product of unmediated individual intentionality but as a production of the intersubjective social construction of reality. Individuals are structured in terms of the social and, concomitantly, material culture is socially rather than individually structured*” (Shanks e Tilley, 1987, p. 97-98).

Neste mesmo sentido, a cultura material assume estrutura de comunicação dentro das comunidades, como vários autores têm apontado (Jones, 2007; Shanks e Tilley, 1987; Karacan, 2016; Rowlands, 1993; Ames, 1980), sendo assim os recipientes cerâmicos similarmente recipientes de mensagens e de códigos com significado social. Dificilmente conseguiremos ‘traduzir’ essas



Figura 5 – Gráfico das organizações decorativas por contexto (segundo Luís, 2016)

mensagens na sua plenitude contextual, no que realmente cada organização decorativa ou cada fusão entre forma/decoração e até função/contexto de utilização representa, mas podemos discutir concepções mais abstractas subjacentes a estes códigos sociais. Um sentido mais imediato é o de que a cultura material constitui parte de um sistema geral de depósito de memória colectiva, pelo menos a dois níveis. Um deles é a transmissão do saber fazer antigo e instituído, que funciona tecnicamente, a mais fácil transmissão de ferramentas do dia a dia porque implica pouco tempo de conceptualização e experimentação técnica, agilizando o quotidiano e criando poucas tensões sociais em eventuais alturas de premência dos próprios objectos. Este nível entrará no campo do enraizamento de práticas sociais, pouco pensadas, muitas vezes até inconscientes da sua origem ou justificação prática, mas que, por habitus (segundo P. Bordieu, apud García Borja, Molina Balague e Bernabeu Aubán, 2005) são ensinadas e reproduzidas “porque sempre se fez assim” ou, numa melhor descrição, porque: *“a central part of social memory and the transmission of cultural knowledge is associated with repeated, habitual actions such as learning to hunt, learning to make pottery etc.”* (Lucas, 2005, p. 77).

Um segundo nível em que a cultura material pode ser considerada de repositório da memória colectiva é talvez mais difícil de conceptualizar, que será o de encarar a cultura material como forma activa de transmissão cultural e de conhecimento social (Jones, 2007), especialmente utilizado em sociedades orais ou não literatas, como *“a symbolic medium for orientating people in their natural*

and social environment because of the relative permanence of material culture vis a vis speech acts.” (Shanks e Tilley, 1987, p. 96-97). Sendo uma forma de linguagem, utilizamo-la para *“organize, transfer and understand ideas, notions and values of group members, which makes it a precondition for a collectively constructed past”* (Karacan, 2016, p. 34), tendo ainda a *“capacity to evoke and to establish with past experience [...] because, as a material symbol rather than verbalized meaning, they provide a special form of access to both individual and group unconscious processes”* (Rowlands, 1993, p. 144). Neste particular, os objectos, a cultura material, servem como uma mnemónica, como um elemento activador da memória colectiva, e, provavelmente, remetem para um sentido de passado comum, conferindo estabilidade ao colectivo e à identidade individual e do grupo.

No entanto, da mesma forma que a presença da cultura material e a sua reprodução controlada remetem para um passado colectivo, quer enquanto elemento agregador, quer enquanto transmissor de valores e práticas sociais, podem também traduzir uma forma particular de estar no mundo, de encarar o seu próprio devir social e cultural. Referimo-nos, concretamente, à forma destas sociedades encararem o passar do tempo: *“how a society views the world is inextricably linked to their material relations with the world; that material culture encapsulates the conceptual, symbolic or cognitive structure of a society as much as its technology or economy”* (Lucas, 2005, p.67). Desta forma, podemos admitir que a produção material tem sempre em si implícita a noção de “tempo” e as estratégias temporais da sociedade em que se insere. Como Lucas (2005, p.68) afirma, *“Indeed, not only will certain activities be structured in a temporal manner (e.g. harvesting the crop at a certain time, burying the dead on a certain day), the temporal perceptions associated with the activity form an integral part of the nature of that activity.”* Através da repetição de gestos e práticas e de histórias e objectos, estas comunidades poderiam querer evocar, até de forma inconsciente, um sentido de continuidade com o passado, conferindo estabilidade na vida quotidiana que, em última análise poderá ser encarada como eventual mecanismo de resposta a inseguranças e ser uma forma de lidar com as preocupações do futuro. Inerentemente, presumimos um sentido de previsibilidade no quotidiano, justificado pela repetição de ensinamentos antigos, que confinará uma maior confiança ao futuro e às novas gerações. E, neste sentido, a cultura material pode ser encarada também como uma ponte de ligação entre o passado, as origens, a tradição, a estabilidade do grupo e o próprio futuro na transmissão desses mesmos valores e sobretudo da passagem de um testemunho, uma herança cultural antiga mas actual, conferindo continuidade e estabilidade. A forma de olhar para o tempo é, de certa forma, um acto continuado

entre o passado e o futuro.

Da mesma forma que a cultura material móvel, como os recipientes cerâmicos que aqui destacámos, os próprios monumentos megalíticos, realidade presente em Trás-os-Montes Oriental (Sanches, 1992; Sanches e Nunes, 2005), servirão “como repositórios mais visíveis das memórias identitárias” (Sanches e Nunes, 2005, p. 60), que, dentro dos seus múltiplos significados e funcionalidades, enunciam uma marca na paisagem construída para a longa duração, novamente, remetendo para dinâmicas de continuidade e perpetuação de estruturas sociais. Poderemos, então, equacionar, como Shanks e Tilley (1987, p.103-104), diferentes escalas e meios de transmissão, renovação e garante de continuidade cultural, sendo o megalitismo o meio de maior escala física, de maior visibilidade e até o testemunho de uma preocupação pela passagem de um longo tempo; por outro lado, a cerâmica e a sua decoração podem aqui ser entendidos como meios de menor escala física e temporal mas que vêm ainda assim reforçar a ideia de perenidade, pois “(...)os artefactos ou construções, são mais ou menos duráveis ou renováveis, de acordo não somente com as suas propriedades físicas, mas essencialmente em função do valor cultural de que são imbuídos. É esse valor ou carga simbólica que determina a sua atemporalidade (ou longevidade). [...] Sendo renováveis, conduzem, em princípio, à repetição, ou fabrico segundo “um certo estilo” conforme ao anterior, pois deste modo assegurarão a continuidade entregeracional desejada” (Sanches, 1997, p.158).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve ensaio pretendemos aflorar a problemática dos significados da manutenção da cultura material, tomando como ponto de partida as sociedades neolíticas e calcolíticas de Trás-os-Montes Oriental. De facto, apesar da carência de dados e investigação, é possível identificar-se nestes contextos uma reprodução recorrente de um estilo cerâmico, com poucas variações de significado estatístico, que nos sugere uma intencionalidade e um controlo social da produção artesanal.

Pensamos que esta homogeneidade da cultura material estará relacionada com a função social desses mesmos objectos, o de constituírem expressão activa destas comunidades como forma de linguagem, de materialização de elementos socialmente importantes e como repositório de memória social, portanto, e como tal, passíveis de enorme controlo social da sua reprodução. A cultura material, incluindo as formas de a saber fazer e o próprio objecto terminado são elementos de memória, de registo identitário que é preciso manter e colocar como legado histórico e ancestral para as próximas gerações. A forma como essa

mensagem é transmitida poderá ter diferentes meios e escalas de repetição dentro de uma esfera de continuidade, como parece acontecer com a produção cerâmica e sua decoração e, claramente, com a construção de monumentos megalíticos.

Por outro lado, a própria reprodução cultural parece ter inerente um sentido de tempo de longa duração, que aproxima, através da repetição continuada de gestos e materialidades, o passado e as origens, do futuro, conferindo estabilidade e segurança ao todo social.

As especificidades e contingências de cada grupo, especialmente destas sociedades transmontanas, serão muito mais complexas do que esta aproximação, necessariamente abstracta e superficial, porém, pelo menos, procurámos criar linhas de pensamento e de análise que possam encaminhar-nos no progressivo conhecimento das dinâmicas sociais e culturais destes seres humanos que, tão distantes no tempo, continuam a manter vivas, tenuemente, a sua história e as suas mensagens.

BIBLIOGRAFIA

- AMES, K.L. (1980) – *Material Culture as NonVerbal Communication: A Historical Case Study*. *Journal of American Culture*, 3(4), p.619-641.
- CARVALHO, H. A.; VENTURA, J.M.Q.; PINHEIRO, P. (2011) – *Xaires (Macedo de Cavaleiros)*. Um sítio de habitat calcolítico em Trás-os-Montes Oriental. A campanha 3 (2010). *Cadernos Terras Quentes*, 8, p. 25-32.
- CARVALHO, H. A.; VENTURA, J. M. Q.; PINHEIRO, P. A. (2010) – *Um Habitat Calcolítico em Trás-os-Montes Oriental*. O Arqueosítio de Xaires (Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*, 7, p. 7-13.
- CARVALHO, H. A.; VENTURA, J.M.Q.; PINHEIRO, P. (2009) – *Xaires (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Pré-História Recente em Trás-os-Montes Oriental*. A Sondagem (2008). *Cadernos Terras Quentes*, 6, p. 91-96.
- CARVALHO, P. S.; GOMES, L.F.; FRANCISCO, J. P.; BOTELHO, I. T. (1997) – *Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta de Mós (Macedo de Cavaleiros/Bragança)*. Em *Busca do Passado, 1994/1997*. Lisboa: Junta Autónoma das Estradas, p. 92-108.
- DIETLER, M.; HERBICH, I. (1998) – *Habitus, techniques, style: an integrated approach to the social understanding of material culture and boundaries*. In STARK, M. (ed.), *The Archaeology of Social Boundaries*, Smithsonian Institution Press, p. 232-263
- GARCÍA BORJA, P., MOLINA BALAGUE, L., BERNABEU AUBÁN, J. (2005) – *Primeros resultados en el estudio estilístico cerámico neolítico. Las cuevas de Sarsa y Nerja*. In Arias, P.; Ontañón, R.; García-Monco, C. (eds.): *III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*, Universidad de Cantabria, p. 316-326.
- GASPAR, R.; DONOSO, G.; MAY, A; VAZ, F. (2014c) – *Relatório Final das sondagens de diagnóstico, Quinta do Rio 16, EP627*. Plano de Salvaguarda do Património da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor. Relatório policopiado.
- JONES, A, (2007) – *Memory and material culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KARACAN, E. (2016) – *Remembering the 1980 Turkish Military Coup d'État*. Memory, Vio-

lence and Trauma. Springer VS.

LEMONNIER, P. (ed) – *Technological choices. Transformation in material cultures since the Neolithic*. Routledge.

LEMOS, F. S. (1993) – *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento na especialidade de Pré-história e História da Antiguidade apresentada à Universidade do Minho, Braga, policopiado.

LIMA, T. A. (2011) – *Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 6 (1), p. 11-23.

LUCAS, G. (2005) – *The Archaeology of Time*. Abingdon & New York: Routledge.

LUÍS, E. (2016) – *Mudança e transformação. Calcolítico, Bronze Inicial e Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental: reflexões a partir dos recipientes cerâmicos*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

MARTINS, C. (2010) – *Relatório final – sondagens diagnóstico do Monte da Poia. EP337. Plano de Salvaguarda do Património da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor*. Relatório policopiado.

PLOG, S. (1980) – *Stylistic Variation in Prehistoric Ceramics*, Cambridge University Press, Cambridge.

ROWLANDS, M. (1993) – *The role of memory in the transmission of culture*. *World Archaeology: Conceptions of Time and Ancient Society*. 25(2), p. 141-151.

SACKETT, J.R. (1977) – *The meaning of style in Archaeology: a general model*. *American Antiquity*, 42(3), p. 369-380.

SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 2 volumes.

SANCHES, M. J. (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Monografias Arqueológicas 3, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

SANCHES, M. J.; MARCOS, D. (1985) – *O povoado pré-histórico do Cunho – Mogadouro (resultados preliminares da escavação de 1983)*. *Arqueologia*, 12, p. 141-154.

SANCHES, M. J.; MARCOS, D. (1984) – *Relatório da estação do Cunho, 2ª campanha de escavação*. Relatório policopiado.

SANCHES, M. J.; NUNES, S. (2005) – *Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – Nordeste de Portugal. Sua expressão na paisagem habitada durante o 4º e 3º mil. BC*. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*. I Série, vol IV, p. 53-82.

SHANKS, M. ; TILLEY, C. (1987) – *Social theory and archaeology*. University of New Mexico Press.